UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS – UNIPAC

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EXATAS

CURSO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

REGIANE JÚLIA GONÇALVES

PRÁTICAS EDUCATIVAS DE PAIS DE CRIANÇAS COM PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO

BARBACENA
2013

REGIANE JÚLIA GONÇALVES

PRÁTICAS EDUCATIVAS DE PAIS DE CRIANÇAS COM PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia da Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Orientadora: Esther de Matos Ireno Marques

BARBACENA
2013

Regiane Júlia Gonçalves

PRÁTICAS EDUCATIVAS DE PAIS DE CRIANÇAS COM PROBLEMAS DE COMPORTAMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial apara obtenção do título de bacharel em psicologia da Universidade Presidente Antônio Carlos de Barbacena.

Aprovada em ___/___/2013

BANCA EXAMINADORA

Professora Patrícia Dias de Castro

Professora Esther de Matos Ireno Marques

Professora Maria Margarete Pinto Chaves

Agradecimentos

Agradeço à Professora e Orientadora Esther de Matos Ireno Marques pela dedicada e paciente orientação, disponibilizando-se a compartilhar os seus conhecimentos sobre o tema.

Agradeço à minha família e aos amigos por depositarem carinho e apoio nesta jornada.

Não eduques as crianças nas várias disciplinas recorrendo à força, mas como se fosse um jogo, para que também possas observar melhor qual a disposição natural de cada um.

Platão

Resumo

Pesquisas atuais vêm demonstrando que existe uma relação entre o comportamento dos pais e o desenvolvimento de problemas nos comportamento dos filhos. Um dos conceitos estudados dentro deste tema é o de práticas educativas parentais que são as estratégias que os pais se utilizam para desenvolver nos filhos, comportamentos sociais tidos por eles como adequados, modelando os comportamentos de sua prole, estimulando a autonomia e a responsabilidade nos mesmos. O presente estudo pretende contribuir com este campo de pesquisas, na medida em que irá discutir a literatura sobre o tema para o desenvolvimento de trabalhos sobre práticas educativas em pais que possuem filhos com dificuldades de comportamento, proporcionando um melhor desenvolvimento destas crianças. Buscará responder se existe uma relação entre as práticas educativas dos pais e os problemas de comportamentos dos filhos, com a análise dos instrumentos de avaliação, cujo objetivo é auxiliar num entendimento sobre quais habilidades sociais precisariam ser instaladas ou fortalecidas no repertório destes pais, para que assim, se possa trabalhar na mudança de conduta de sua prole, e por fim, fez-se a análise de alguns projetos de intervenções em grupos de pais, que visam o treinamento destes, de forma a orientá-los e ajudá-los no convívio familiar com os seus filhos e na resolução de problemas dos mesmos. Este trabalho sugere ainda, que o desenvolvimento de projetos de intervenção poderá contribuir para o desenvolvimento das práticas educativas em pais que possuem filhos com problemas de comportamento.

Palavras-chave: Práticas educativas parentais, estilos parentais, problemas de comportamento.

Abstract

Current research has demonstrated that there is a relationship between parental behavior and the development of behavior problems in children. One of the concepts studied within this theme is the parenting education practices that are the strategies that parents use to develop in children social behaviors taken by them as appropriate, by modeling the behavior of their offspring, encouraging autonomy and responsibility in them. The present study aims to contribute to this field of research, in that it will discuss the literature about the theme for the development of work on educational practices in parents who have children with behavioral difficulties, providing a better development of these children. Seek to answer whether there is a relationship between parental education practice and behavior problems of children, with the analysis of the assessment instruments, whose purpose is to assist in an understanding of social skills which need to be installed or strengthened in the repertoire of these parents, that so you can work on changing the behavior of their offspring, and finally made the analysis of some intervention projects in parent groups, aimed at the training of these, in order to guide them and help them in living family with their children and troubleshooting them. This work also suggests that the development of intervention projects can contribute to the development of educational practices in parents who have children with behavior problems.

Keywords: Parental education practices, parenting styles, behavior problems.

Sumário

1 Introdução 12

2 Práticas educativas parentais 14

2.1 Práticas Educativas que compõem o Estilo Parental 18
2.1.1 Práticas Educativas Positivas 18
2.1.1.1 A Monitoria Positiva 18
2.1.1.2 O Comportamento Moral 19
2.1.2 Práticas Educativas Negativas 20
2.1.2.1 Abuso Físico 20
2.1.2.2 Disciplina Relaxada 20
2.1.2.3 A Monitoria Negativa 20
2.1.2.4 A Punição Inconsistente 21
2.1.2.5 A Negligência 21
2.2 Instrumentos de avaliação das práticas educativas parentais 21
2.2.1 Inventário de Estilos Parentais (IEP) 22
2.2.2 A Escala de Qualidade de Interação Familiar (EQIF) 23
2.2.3 Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P) 24

3 Práticas educativas parentais e problemas de comportamento 26

4 Intervenção em grupos de pais 344

5 Considerações finais 42

Referências Bibliográficas 44

1 Introdução

As relações familiares têm sido alvo de muitas pesquisas e cada vez mais se pergunta como a ciência poderá contribuir com as famílias na educação de seus filhos, principalmente aqueles pais que possuem crianças com indicativos de problemas de comportamento. Dentre os estudos sobre o tema tem se destacado no campo da Psicologia os trabalhos sobre práticas educativas parentais ou estilos parentais.

Segundo Gomide *et al.* (2005) as práticas educativas parentais são as táticas usadas pelos pais para desenvolver nos filhos, comportamentos sociais considerados por eles adequados, estimulando a autonomia e a responsabilidade, ao mesmo tempo em que modelam os comportamentos de seus filhos, e a esse conjunto de práticas educativas, se dá o nome de Estilo Parental.

As práticas educativas parentais inadequadas têm sido relacionadas aos problemas no desenvolvimento cognitivo, social e acadêmico dos filhos, como relata Gomide (2005).

Com o intuito de promover maior compreensão sobre este tema será realizado um levantamento bibliográfico de cunho qualitativo acerca das práticas educativas e estilos parentais de pais que possuem crianças com problemas de comportamento, a partir de coleta de informações em artigos e livros de base comportamental; banco de dados científicos na internet, através de publicações eletrônicas da Scielo Electronic Library Online; revistas científicas e universitárias como Psicologia: Reflexão e Crítica, Estudos de Psicologia, Psicologia: Ciência e Profissão; Psicologia em Estudo e Revista das Faculdades de Educação, Ciências e Letras e Psicologia Padre Anchieta e tese de Pós Graduação em Educação Especial e Tese de Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento.

O presente estudo se baseia em trabalhos de autores que possuem grande experiência no que tange às práticas educativas e habilidades sociais, como a mestre e doutora em Psicologia Experimental, Paula Inez Cunha Gomide, que possui experiência na área de Psicologia, com ênfase em Estilos Parentais e Comportamentos Antissociais, atuando principalmente nos seguintes temas: práticas educativas, comportamento moral, estilo parental, comportamento antissocial e adolescente autor de ato infracional. Neste trabalho consta também, estudos de Alessandra Turini Bolsoni Silva, que vem atuando principalmente nos seguintes

temas: habilidades sociais, habilidades sociais educativas, análise do comportamento, relacionamento pais-filhos, relacionamento conjugal, depressão e fobia social em universitários, avaliação e terapia comportamental, psicologia baseada em evidência. Uma grande autora da área a ser citada também, é Lidia Natalia Dobrianskyj Weber, que possui dezenas de publicações de artigos em revistas especializadas, capítulos de livros e doze livros, e também tem sido consultora de diferentes mídias sobre matérias que envolvam psicologia e ministrado palestras em todo Brasil. Atua na área de Psicologia, com ênfase em Estilos e Práticas Educativas Parentais, Abandono e Adoção e Relacionamento Amoroso.

Pretende-se investigar algumas formas de como os pais costumam lidar em situações onde queiram reduzir determinado comportamento e quais habilidades precisariam ser instaladas ou fortalecidas no repertório destes pais, para enfim, averiguar se existe relação entre os estilos parentais e possíveis indícios de problemas de conduta na criança que possui queixas de comportamento.

Este trabalho buscará ainda em seu primeiro capítulo, intitulado práticas educativas, trazer à tona conceitos e discussões do que sejam: práticas educativas positivas (a monitoria positiva e o comportamento moral) e práticas educativas negativas (a punição consciente e a negligência), dentro de um contexto maior que são as práticas educativas que compõem o Estilo parental.

No segundo capítulo será abordada a relação que o estilo parental utilizado pelos pais na educação de seus filhos, tem a influenciar no comportamento destes, para no terceiro capítulo, citar exemplos de intervenção em grupos de pais com o propósito de auxiliar os mesmos no convívio familiar com os seus filhos e na resolução de problemas destes.

Com este estudo, serão ampliados os conhecimentos teóricos sobre o assunto do trabalho, proporcionando maior aprendizado sobre o tema.

2 Práticas educativas parentais

A qualidade da relação pais e filhos e a importância sobre o desenvolvimento das crianças tem sido declarada por diversos estudos nos últimos anos, sendo que alguns deles correlacionam práticas educativas inadequadas a problemas no desenvolvimento cognitivo, social e no desenvolvimento acadêmico dos filhos (GOMIDE, 2003).

Pode-se afirmar que os pais ou cuidadores, representam a primeira e maior fonte de reforçamento e modelo para as crianças, sendo a dinâmica do grupo familiar de grande importância no processo de desenvolvimento infantil (PRUST; GOMIDE, 2007). Portanto, o relacionamento dos pais com os seus filhos pode influenciar no desenvolvimento da socialização e aparecimento ou não de problemas de comportamento. Em se tratando de filhos ainda crianças, e também, em seu desenvolvimento no que tange ao aparecimento/desenvolvimento ou não de problemas de comportamento, inclusive.

As dúvidas dos pais e da sociedade em geral sobre a educação infantil são somadas ao medo de falharem quando tomam conhecimentos de casos divulgados quase que diariamente na mídia, envolvendo crianças e adolescentes ligados diretamente a furtos, crimes e assassinatos, questões estas que delimitam campos de pesquisa fecundos e urgentes, com aplicabilidade no contexto social (PRADA, 2007).

Ainda segundo Prada (2007, p. 1)

> Entre as reclamações mais frequentes, advindas dos pais, estão: a dificuldade em estabelecer limites ao comportamento da criança ou do adolescente, como desenvolver comportamentos que acreditam ser adequados e como proceder quando problemas comportamentais aparecem.

O processo de socialização é tido como tarefa essencial da família, pretendendo-se introduzir os filhos num contexto social mais amplo do que o próprio contexto familiar, no intuito de auxiliá-los na construção de padrões tidos como socialmente adequados. Na infância, os pais buscam orientar e mostrar os comportamentos infantis, para que as crianças sigam certos princípios morais e

adquiram condutas que levem à autonomia e à responsabilidade (PACHECO; SILVEIRA; SCHNEIDER, 2008).

Dentro da temática relação pais e filhos, um conceito criado foi o das práticas educativas parentais, o qual segundo Gomide se refere às táticas usadas pelos pais para desenvolver nos filhos comportamentos sociais considerados por eles adequados, estimulando a autonomia e a responsabilidade, ao mesmo tempo em que modelam os comportamentos de seus filhos. O estilo parental são as estratégias educativas utilizadas pelos pais em seu convívio com os filhos (GOMIDE *et al.,* 2005).

Gomide (2003) opta por analisar as práticas educativas como variáveis que podem tanto levar ao desenvolvimento de comportamentos pró-sociais, quanto antissociais, dependendo da frequência e intensidade com que o casal parental utiliza estas estratégias educacionais.

> Um repertório vasto e bem estabelecido de práticas educativas parentais representa um importante fator de proteção para famílias sob a influência de múltiplas variáveis contextuais, e sobre o qual, todo investimento de profissionais e pesquisadores se justifica (SILVEIRA, 2011, p. 283).

Segundo Gomide (2003) em alguns estudos que avaliam essa importância na qualidade da relação de pais com seus filhos, são feitas também, correlações entre problemas no desenvolvimento cognitivo, social dos filhos de pais que apresentam práticas educativas inadequadas.

Segundo Ferreira; Marturano (2002) a averiguação de causadores dos problemas de comportamento incide sobre as inter-relações entre as características das crianças, dos cuidadores e do contexto social mais amplo.

A aprendizagem por contingência, segundo preleciona Oliveira *et al*(2002), é aquela que depende de uma exposição direta e imediata do indivíduo ao ambiente, proporcionando um aprendizado por meio da exploração e das consequências decorrentes do seu comportamento. Tal relação pressupõe a interação entre uma situação ambiental antecedente, o comportamento do indivíduo e uma situação ambiental consequente. Os pais são imitados pelos filhos, sendo que exercem forte influência no comportamento dos mesmos. Portanto, é muito importante que os pais saibam lidar com os comportamentos de seus filhos, sendo eles aceitáveis, ou não.

Paiva; Ronzani, (2009) relataram que durante os primeiros estudos sobre estilos parentais em 1971, Baumirind correlacionou os aspectos comportamentais e os afetivos envolvidos na criação dos filhos, propondo três estilos parentais: “com autoridade” (authoritative), autoritário e permissivo.

Os pais autoritativos procuram direcionar as atividades do filho de uma maneira orientada para a solução de forma racional, compartilhando com a criança os motivos que norteiam as decisões obtidas, mantendo diálogo e ouvindo as objeções do filho quando este se recusa a adotar um comportamento específico (PAIVA, 2009).

> Tratam-se de pais que consideram o ponto de vista do filho e o avaliam, mas exercem controle firme nos pontos de divergência, avaliando o comportamento infantil em relação ao contexto que os cerca e não em termos absolutos (PAIVA, 2009, p. 39).

Pais e mães autoritários exigem muito de seus filhos, oferecendo pouco afeto para os mesmos, sendo que, “as suas exigências estão em desequilíbrio com a aceitação das exigências dos filhos, dos quais se espera que inibam seus pedidos e demandas em respeito ao valor da autoridade” (PAIVA, 2009, P. 39).

Segundo Paiva; Ronzani,(2009, p. 178)

> A década de 1980 MacCoby e Martin (1983), a partir dos estudos de Baumrind (1971), definiram os estilos parentais em função de duas dimensões subjacentes: a exigência (controle) e o apoio (afeto). Os estilos parentais que surgem como resultado desta combinação são os mesmos propostos por Baumrind (1971), com a diferença de que o estilo permissivo foi desmembrado em dois: o negligente e o indulgente.

Para Paiva (2009) o tipo permissivo-indulgente se concretiza em pais, não como um modelo para aprendizagem dos filhos, pois cobram poucas responsabilidades dos mesmos e se apresentam para a criança como um recurso a ser utilizado indiscriminadamente. “Pais permissivos estabelecem poucas demandas de responsabilidade e maturidade, permitindo que o filho monitore seu próprio comportamento” (PAIVA, 2009, p. 40).

Paiva (2009, p. 40) ressalta que “pais e mães negligentes são compreendidos por se apresentarem como permissivos e indiferentes dotados de baixo grau de controle e afeto para com os filhos”.

O estilo negligente dos pais denota que as necessidades básicas das crianças podem estar sendo desconsideradas, pois este estilo sugere abandono físico ou maus tratos, ocasionando, a longo prazo, uma diminuição gradativa do contato entre pais e filhos, restando apenas uma pequena relação funcional (PAIVA, 2009).

Segundo Paiva; Ronzani (2009, p. 178)

> Autores como Darling e Steinberg (1993) ainda registram a diferença entre estilos parentais e práticas educativas. Pode-se considerar que os estilos parentais referem-se a um padrão global de características da interação dos pais com os filhos em diversas situações, um conjunto de atitudes que propicia um clima emocional em que as práticas se expressam.

Segundo Bem; Wagner, (2006) estilo e prática educativa estão normalmente associados, pois o conjunto das práticas serão diretamente influenciadas pelo estilo parental, a saber, que o estilo parental pode ser percebido como o conjunto de determinadas condutas.

Ademais, é importante salientar que a nomenclatura utilizada para tratar das relações entre pais e filhos por Gomide é práticas educativas parentais, enquanto Del Prette e Del Prette se utilizam de Habilidades Sociais Educativas (HSE) e Baumirind, estilos parentais.

Eis, pois, alguns comentários acerca do que vem a ser tais habilidades

> [..] são aquelas intencionalmente voltadas para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem do outro, em situação formal ou informal. Nesse sentido as HSE poderiam ser consideradas como parte das práticas educativas positivas (Del Prette e Del Prette, 2001, p. 62).

Em se tratando da interação pais-filhos, salienta Bolsoni-Silva e Loureiro (2010) os quais propõem que a classificação das habilidades sociais educativas parentais (HSE-P) em: comunicação (conversar, perguntar), expressão de sentimentos e enfrentamento (expressar sentimentos positivos, negativos e opiniões, demonstrar carinho, brincar). e estabelecimento de limites (identificar e consequenciar comportamentos socialmente hábeis e não hábeis, estabelecer regras, ter consistência, concordar com cônjuge, cumprir promessas, identificar erros e pedir desculpas).

Apesar de mencionar a visão de alguns autores acerca do tema ora apresentado, optou-se, no entanto, pelo modelo de Gomide, porque nela se observou, por meio de seus estudos, a criação de seu modelo teórico muito utilizado a nível nacional, em que ela selecionou sete práticas educativas as quais comporiam o estilo parental.

2.1 Práticas Educativas que compõem o Estilo Parental

Gomide selecionou sete práticas educativas que comporiam o Estilo Parental, sendo duas favoráveis ao desenvolvimento de comportamentos pró-sociais e cinco relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos antissociais. As duas práticas educativas positivas, monitoria positiva e comportamento moral, dizem respeito ao uso adequado de reforçadores sociais, são ações que promovem o desenvolvimento de habilidades pró-sociais. São consideradas estratégias educacionais negativas, o abuso físico, a punição inconsistente, a disciplina relaxada, a monitoria negativa e a negligência (GOMIDE *et al*., 2005).

2.1.1 Práticas Educativas Positivas

Segundo Gomide (2005, p. 170)

> Dizem respeito ao uso adequado de reforçadores sociais, ao desenvolvimento da empatia e ao estabelecimento de contingências reforçadoras ou punitivas para o comportamento do filho onde se estabelecem regras claras e consequências (sanções) para o não-cumprimento das mesmas; são ações que promovem o desenvolvimento de habilidades pró-sociais.

A monitoria positiva e o comportamento moral estão inseridos dentro do contexto maior – Práticas Educativas Positivas – as quais serão pontuadas a seguir.

2.1.1.1 A Monitoria Positiva

A monitoria positiva se refere àquelas práticas nas quais se criam um ambiente adequado para o desenvolvimento infantil em que ainda se inclui o apoio e o amor dos pais, que unidos ao interesse real pela criança, criam o espaço adequado e propício para a revelação infantil, afastando a necessidade da fiscalização estressante por parte dos progenitores (GOMIDE *et al.*, 2005). Para Gomide (2003), principalmente nos momentos de maior necessidade da criança, são ainda componentes da monitoria positiva as demonstrações de afeto e carinho dos pais.

Por meio dessa prática, os pais se mostram disponíveis a contatos físicos-abraços, beijos etc., demonstrando afeto pelo filho, em que o mesmo pode se sentir amado e protegido, sem, entretanto, ter seus direitos cerceados ou haver desconfiança entre ambos (GOMIDE *et al.*, 2005).

2.1.1.2 O Comportamento Moral

Refere-se, segundo Gomide *et al.* (2005), ao conjunto de valores, denominando-se o que é certo e o que é errado por meio de modelos positivos, sempre mediando a relação com afeto.

> Essa prática educativa está ligada aos comportamentos morais transmitidos aos filhos pelos pais, através de seus próprios comportamentos, diálogos etc., referentes a temas como justiça, generosidade, empatia entre outros (SALVO; SILVARES;TONI, 2005, p. 188).

O comportamento moral mostra que essa prática funciona como forma de apoio e modelo de repertório para a criança, colaborando para o desenvolvimento adequado dela (SALVO; SILVARES; TONI, 2005).

Essa prática, junto com a monitoria positiva, leva ao desenvolvimento de comportamentos tidos como pró-sociais, onde se englobam perfeitamente a subescala atividades, que considera atividades extracurriculares da criança, bem como a qualidade das atividades desenvolvidas pela criança em relação ao seu grupo e à escala de competência social (SALVO; SILVARES; TONI, 2005).

2.1.2 Práticas Educativas Negativas

Por outro lado, há que se falar das subdivisões contidas dentro das práticas educativas negativas as quais serão enumeradas abaixo.

2.1.2.1 Abuso Físico

Considerado quando os pais, na tentativa de controlar os seus filhos, machucam ou causam dores nos mesmos (GOMIDE *et al*., 2005). Silvares (2004) afirma que crianças com maior probabilidade de sofrerem problemas de saúde, de comportamentos, déficits em sua cognição e sócio emocionais são aquelas que sofrem abuso físico dos pais.

2.1.2.2 Disciplina Relaxada

Segundo Gomide *et al.* (2005, p. 170), “a disciplina relaxada caracteriza-se pelo fato do não cumprimento de regras estabelecidas pelos pais”. Os pais estipulam regras para os filhos e quando as mesmas são quebradas, os pais confrontam os filhos ou omitem-se, o que traz grande risco para as crianças podendo acarretar no desenvolvimento de comportamentos delinquentes nas mesmas (GOMIDE *et al*., 2005).

2.1.2.3 A Monitoria Negativa

“Se caracteriza pelo excesso de fiscalização da vida dos filhos e pela grande quantidade de instruções repetitivas, que não são seguidas pelos filhos, produzindo um clima familiar hostil, estressado e sem diálogo” (GOMIDE *et al*., 2005, p.170). A alta taxa de exigências e a falta de reforçamento adequado também são características da prática da monitoria negativa, uma vez que pais que fazem muito

uso dessa prática podem estar sendo conduzidos mais por regras do que por contingências (GOMIDE, 2003).

2.1.2.4 A Punição Inconsistente

Ocorre quando os pais punem ou reforçam os comportamentos de seus filhos de acordo com o seu bom ou mau humor, de forma não contingente ao comportamento da criança (GOMIDE, 2004). “Como consequência, a criança aprende a discriminar o humor de seus pais e não aprende se seu ato foi adequado ou inadequado” (GOMIDE *et al.,*2005, p. 170).

2.1.2.5 A Negligência

Quando os pais ausentam-se de suas responsabilidades, omitindo-se em auxiliar os seus filhos, ausentando-se de suas responsabilidades e não interagem com os mesmos com afeto e amor (GOMIDE *et al*., 2005).

“As crianças negligenciadas comportam-se de forma apática ou agressiva, sendo tais comportamentos supostamente promovidos pela relação de pobre apego dos pais para com as crianças” (GOMIDE *et al*., 2005, p. 170).

> A negligência aliada à monitoria negativa, em um primeiro momento, pode parecer antagônica, já que a segunda se caracteriza por uma fiscalização constante dos pais, que vai justamente em caminho oposto à negligência (SALVO; SILVARES; TONI, 2005, p. 193).

Tendo definido o modelo teórico de Gomide, passa-se agora à análise de alguns instrumentos de avaliação das práticas educativas parentais os quais auxiliam num entendimento de quais habilidades precisariam ser fortificadas ou instaladas dentro do contexto relacional entre pais e filhos.

2.2 Instrumentos de avaliação das práticas educativas parentais

Estudos sobre o tema práticas educativas parentais são importantes para o entendimento de quais habilidades precisariam ser fortalecidas ou instaladas no repertório dos pais com filhos com indicativos de problemas de conduta. Através do estudo das práticas educativas parentais poder-se-ão criar estratégias de intervenção com fins terapêuticos e/ou de prevenção no sentido de levar pais e educadores a desenvolver um repertório educativo facilitador na promoção de comportamentos sociais considerados por eles adequados (GOMIDE *et al*., 2005). Por isso mesmo, serão analisados abaixo alguns instrumentos que auxiliem o profissional durante todo o processo.

2.2.1 Inventário de Estilos Parentais (IEP)

Gomide *et al*., (2005) desenvolveu um Inventário de Estilos Parentais (IEP), baseando-se nestas práticas educativas parentais, onde o mesmo é capaz de identificar práticas parentais negativas utilizadas em famílias de risco e positivas usadas por pais que desenvolvem comportamentos pró-sociais em seus filhos. Sampaio; Gomide (2007) relata que esse instrumento avalia as técnicas e estratégias utilizadas pelos pais na educação de seus filhos, ou seja, o seu estilo parental, baseando-se nas sete práticas educativas parentais que compõem o estilo parental.

O objetivo do inventário é detectar a quais práticas parentais o indivíduo está ou esteve sujeito, e qual a sua influência no desenvolvimento de comportamentos antissociais. O instrumento também permite visualizar as práticas que são administradas pelos pais que precisam ser modificadas, mantidas ou otimizadas (SAMPAIO, 2007).

Segundo Sampaio; Gomide (2007, p. 15) “o IEP é o primeiro instrumento psicológico brasileiro capaz de avaliar as práticas educativas parentais de crianças e adolescentes que apresentam risco”.

A construção do Inventário se deu pelo entendimento de que a família é importante na socialização e educação das crianças e que, dependendo das condutas adotadas pelos pais no processo educativo dos filhos, podemos encontrar crianças e adolescentes antissociais (SAMPAIO; GOMIDE, 2007).

Sampaio; Gomide (2007, p. 17) destacam que:

> O Inventário é composto de 42 questões, sendo que cada uma consta de uma frase à qual a criança/adolescente deve responder indicando a frequência com que a figura materna/paterna age (ia) conforme a situação descrita na frase. Assim, responde-se:
> • NUNCA: se em 10 ocasiões, ele(a) agiu daquela forma de 0 a 2 vezes.
> • ÀS VEZES: se em 10 ocasiões, ele(a) agiu daquela forma de 3 a 7 vezes.
> • SEMPRE: se em 10 ocasiões, ele(a) agiu daquela forma de 8 a 10 vezes.

"O Conselho Federal de Psicologia,em julho de 2005, deu parecer favorável à utilização do IEP como teste psicológico" (SAMPAIO; GOMIDE, 2007, p. 24).

Segundo Sampaio; Gomide (2007, p. 25)

> O Inventário pode ser utilizado como medida de pré e pós testes, coleta de dados, para correlações com outros instrumentos, avaliação de nível de risco etc. O IEP também apresenta a vantagem de rápida aplicação e uma linguagem de fácil acesso, além de uma forma descomplicada de analisar dados.

O IEP "é o primeiro instrumento brasileiro validado que possibilita a avaliação de sujeitos de risco, sendo, portanto, de grande demanda por parte de pesquisadores e profissionais da área" (SAMPAIO; GOMIDE, 2007, p. 25).

2.2.2 A Escala de Qualidade de Interação Familiar (EQIF)

A avaliação da qualidade que predomina nas relações familiares permite identificar famílias em situação de proteção ou de risco, possibilitando programar em benefício dos filhos a intervenção em famílias de risco (WEBER; SALVADOR; BRANDENBURG, 2009).

> "Tanto pesquisas com estilos parentais quanto com práticas educativas comprovam que o relacionamento entre pais e filhos contribui com a construção do repertório comportamental dos filhos" (WEBER; SALVADOR; BRANDENBURG, 2009, p. 57).

Segundo Weber; Salvador; Brandenburg, (2009) por meio do relato dos filhos, o EQIF acessa aspectos de interação familiar, que respondem separadamente sobre seu pai e sua mãe.

A Escala de Qualidade de Interação Familiar (EQIF) foi elaborada para medir a qualidade de interação entre a criança/adolescente e seus pais e entre o casal. O objetivo é de detectar um contexto familiar de proteção ou de risco.

Entretanto, por uma necessidade de se ter um instrumento brasileiro, deu-se a construção do EQIF, para avaliar práticas educativas parentais junto com outros aspectos de interação familiar, os quais avaliados em conjunto fornecessem um padrão de comportamento familiar (WEBER; SALVADOR; BRANDENBURG, 2009).

São 40 questões em sistema Likert de cinco pontos (nunca, quase nunca, às vezes, quase sempre, sempre), agrupadas em nove escalas. Seis delas abordam aspectos da interação familiar considerados "positivos": envolvimento, regras e monitoria, comunicação positiva dos filhos, clima conjugal positivo, modelo parental, sentimento dos filhos. As outras três, referem-se a aspectos considerados "negativos": comunicação negativa, punição corporal, clima conjugal negativo (WEBER; SALVADOR; BRANDENBURG, 2009).

> A divisão entre escalas "positivas" e "negativas" decorre dos resultados apresentados pela literatura da área. Aspectos familiares positivos vêm sendo relacionados a melhor desempenho dos filhos em diversas áreas, menos problemas comportamentais, menor envolvimento com álcool e drogas etc.; o contrário tem sido encontrado para os aspectos familiares negativos. A partir disso, considera-se que a predominância de aspectos positivos e baixo índice de aspectos negativos nas interações entre pais e filhos e entre casal qualifica famílias protetivas. Quando aspectos negativos prevalecem em detrimento dos positivos, a família qualifica-se como de risco para o desenvolvimento dos filhos (WEBER; SALVADOR; BRANDENBURG, 2009, p. 58).

Tendo visto as escalas positivas e negativas, reputa-se de suma importância para complementação deste trabalho, a análise do roteiro de entrevista de habilidades sociais educativas parentais.

2.2.3 Roteiro de Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (RE-HSE-P)

Silva; Loureiro (2010, p.65), afirmam que "o primeiro passo para a elaboração do instrumento foi a realização de uma revisão da literatura de forma a

identificar itens preditivos de habilidades sociais educativas parentais". Alegam também, que a literatura de maior impacto, na elaboração do instrumento, foi baseada no campo teórico-prático do Treinamento de Habilidades Sociais, auto desenvolvidos com o estudo de práticas parentais e autores da Análise do Comportamento.

No caso da interação pais-filhos, Silva; Loureiro (2010) propõem a classificação das habilidades sociais educativas parentais (HSE-P) em: enfrentamento da expressão de sentimentos, estabelecimento de limites (onde se procura investigar a expressão de sentimentos negativos, positivos e opiniões, demonstrar afeição, brincar), identificar comunicação e consequenciar comportamentos socialmente habilidosos e não habilidosos, estabelecimento de regras, ter consistência, concordar com cônjuge, cumprimento de promessas, identificação de erros e pedir desculpas.

"A primeira testagem do instrumento foi realizada por Silva (2000) e esses dados deram suporte para a elaboração de um novo instrumento utilizado por Bolsoni-Silva (2003)" (SILVA; LOUREIRO, 2010, p.66).

Silva; Loureiro (2010, p.66) relatam que

> ORE-HSE-P investiga a ocorrência de respostas, situações antecedentes e consequentes para as HSE-P, apresentando alternativas de respostas, de forma a agilizar a coleta e análise de dados, uma vez que prevê categorias comportamentais.

Segundo Silva; Loureiro (2010) o instrumento permite avaliar escores indicativos de problemas e de habilidades, podendo ser aplicado em clínicas, escolas e em ambulatórios, com a função de triagem, além de poder ser empregado em pesquisas de avaliação e de intervenção clínica.

"O referido instrumento tem por suporte o uso do relato verbal, o que, embora apresente limitações, apresenta vantagens na avaliação de práticas parentais que são, sobretudo, práticas culturais" (SILVA; LOUREIRO, 2011, p. 62).

3 Práticas educativas parentais e problemas de comportamento

Segundo Ferreira; Marturano (2002) a averiguação de causadores dos problemas de comportamento incide sobre as inter-relações entre as características das crianças, dos cuidadores e do contexto social mais amplo.

Bolsoni-Silva; Del Prette (2003), concluíram em seus estudos sobre problemas de comportamento, que esses podem ser influenciados pelas características familiares e suas variáveis históricas (como agressividade, instabilidade emocional, dificuldades prévias à paternidade, etc.); variáveis recentes como a forma dos pais socializarem com a criança (modelos de monitoria negativa), dificuldades interpessoais, características da criança (atenção diminuída, temperamento complexo, etc.) e da escola (dificuldade em ser aceito pelos colegas e manejo não efetivo dos professores).

O processo de socialização, como uma tarefa que seja precípua da família (organização familiar), tem o condão de construir nos filhos, nas palavras de Pacheco, Silveira e Schneider (2008) comportamentos padrões tidos como aceitos.

Nesse mesmo sentido, os autores supra citados salientam que durante a meninice, os pais geralmente apontam e orientam os comportamentos de seus filhos, no sentido de seguirem certos princípios morais para adquirirem comportamentos que levem à responsabilidade e à autonomia.

Para Oliveira *et al*. (2002), os pais também são imitados pelos filhos, sendo que aqueles exercem forte influência no comportamento destes. Portanto, é muito importante que os pais saibam lidar com o comportamento de seus filhos, sendo eles aceitáveis, ou não.

Para tanto, os pais se utilizam de estratégias disciplinares chamadas práticas educativas, quais sejam, de cunho coercitivo ou de cunho indutivo. Sendo este de repercussão positiva e aquele de repercussão negativa (PACHECO; SILVEIRA, SCHENEIDER, 2008).

Eis que as práticas educativas indutivas favorecem o desenvolvimento da autonomia no sujeito, apresentando os pais como favorecedores da independência dos filhos. Há, pois, falar num aprimoramento do comportamento infantil (PACHECO; SILVEIRA; SCHENEIDER, 2008).

Não obstante, a distinção entre as estratégias disciplinares retro, tomar-se-á, como foco de estudo, tão somente, as de repercussão negativa, ou seja, as coercitivas.

> As práticas educativas coercitivas são descritas na literatura como tendo repercussões negativas em diversas áreas do desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes, tais como ajustamento social, psicopatologia e desempenho escolar (PACHECO; SILVEIRA; SCHNEIDER, 2008, p.67).

Segundo Pacheco; Silveira; Scheneider (2008), as condutas maternas estão intimamente e por sua vez ligadas ou ainda associadas à preocupação com os cuidados e à segurança afetiva dos filhos, enquanto que a conduta paterna se volta, tão somente, à disciplina.

Frisa-se, ainda, que:

> Nessa mesma perspectiva, ao tratar-se dos estilos parentais, observa-se que a mãe é muitas vezes referida como aquela que apresenta, mais frequentemente do que o pai, o estilo autoritativo, incentivando o diálogo e exercendo controle nos pontos de divergência (PACHECO; SILVEIRA; SCHNEIDER, 2008, p.67).

As crianças não passarão a comportar de forma adequada, pelo uso da coerção, pois a aquisição de comportamentos desejados pelos pais deve ocorrer através do reforçamento positivo, que ocorre quando o ato de um sujeito é seguido pela adição de uma consequência aumentando a probabilidade de ocorrência do comportamento ao qual for contingente" (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002).

Segundo Pacheco (2004, p.14) "o conceito de comportamento anti-social refere-se, inicialmente, a eventos aversivos que ocorrem na interação familiar e consiste em comportamentos tais como, (...) ameaçar e, ocasionalmente, bater."

> Comportamentos marcados por hiperatividade, impulsividade, oposição, agressão, desfio e manifestações anti-sociais são classificados como externalizantes, em oposição a padrões de comportamento internalizantes - disforia, retraimento, medo e ansiedade (FERREIRA; MARTURANO, 2002, p.35).

Os pais devem conceder aos filhos o direito de cometer erros, proporcionando uma oportunidade para o seu crescimento e conscientização, neste sentido, é necessário o redimensionamento destes erros "para limitar os riscos que eles acarretam e encará-los de uma nova maneira" (OLIVEIRA *et al.,* 2002, p.124).

Para Gomide (2009, p.22) “os pais devem evitar medo e insegurança diante do comportamento agressivo de uma criança ou adolescente porque esta é a principal forma de comportamento violento”.

Os pais, “ao invés de se dirigirem à criança com agressividade, acusações e críticas, precisam reconhecer os sentimentos dela e, ao mesmo tempo, impedir os seus ataques físicos” (OLIVEIRA *et al*., 2002, p.53).

Os pais precisam ensinar seus filhos a seguir regras e estabelecer limites, ensinando à criança o que é e o que não é permitido. “Os limites têm diversas funções. Uma delas é a de dar proteção e segurança à criança.” (OLIVEIRA *et al*., 2002, p.53)

“A falta de limites implica a ausência de consequências para o comportamento indesejável da criança, o que acarreta inúmeros problemas.” (OLIVEIRA *et al*., 2002, p.53). Quando os limites não são estabelecidos a criança sai ilesa das situações, fazendo com que seja impossível que ela ouça instruções de outras pessoas e, não ouvindo instruções, a criança dificilmente as segue, dificultando sua relação com o ambiente (OLIVEIRA *et al*., 2002).

Os pais também precisam estar atentos em relação aos pedidos não razoáveis dos filhos, sendo necessário que aprendam a dizer não para os mesmos, ajudando desta forma, na construção de limites nas suas crianças (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002).

Portanto, BOLSONI-SILVA; MARTURANO (2002, p.229) afirmam

> (...) para uma educação efetiva e relacionamento positivo entre pais e filhos não basta expressar os sentimentos, é preciso que os pais o façam de maneira socialmente adequada, ou seja, apontando, no caso de sentimentos negativos, qual o comportamento de que não gostaram, dizendo o que sentiram frente ao comportamento da criança e sugerindo alternativas para que se comporte de forma mais adequada, sem, contudo, valerem-se de acusações do tipo “você não tem consideração” ou “você é uma criança má”, que interferem a auto-estima da criança e prejudicam as interações pais-filhos, pois funcionam como punições.

Os progenitores também podem usufruir de estratégias educativas em situações onde os filhos comportem de forma inadequada, “priorizando a expressão de opiniões e a solicitação adequada de mudança de comportamento” (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002, p. 229).

Para Oliveira *et al*. (2005, p.57) “os pais que não conseguem lidar com a frustração e o sofrimento de seus filhos têm dificuldades de estabelecer limites.”

Silva; Loureiro (2011, p. 61) afirmam que “a identificação de práticas parentais contingentes aos comportamentos dos filhos é importante para subsidiar intervenções”, e através de um estudo sobre Práticas Parentais, objetivou correlacionar práticas educativas parentais e comportamentos de crianças de um grupo de crianças considerado clínico/com problema de comportamento, com um grupo de crianças não clínico/sem problema de comportamento.

Participaram deste estudo 53 mães, de filhos com idade de quatro a 12 anos, de ambos os sexos, que apresentavam problemas de comportamento ou que não apresentassem qualquer problema de conduta, podendo ser denominados de população não clínica (SILVA; LOUREIRO, 2011).

> [...] as crianças com habilidades sociais talvez precisem menos de comportamentos identificados como problema para obter reforçadores e os pais com mais repertório de HSE-P podem valer-se menos de estratégias negativas de educação para obter obediência e afeto dos filhos (SILVA; LOUREIRO, 2011, p. 70).

Silva; Loureiro (2011) concluem com a pesquisa citada acima, que houve um aumento sobre o entendimento das habilidades sociais educativas parentais e sua promoção, contribuindo com a diminuição de problemas de conduta, tendo os progenitores como avaliadores do repertório infantil e não os professores.

Algumas pesquisas correlacionam a família como um importante fator de risco ou de proteção em relação ao uso abusivo de álcool ou drogas. Paiva; Ronzani (2009) através de uma revisão sistemática a respeito de trabalhos científicos sobre a associação entre os estilos e práticas de socialização e o consumo de substâncias entorpecentes, constatam “uma significativa associação entre o consumo abusivo de álcool e outras drogas na adolescência e os estilos e práticas parentais” (PAIVA; RONZANI, 2009, p. 177).

A instituição familiar por ser apontada como um dos elos mais fortes durante a formação do indivíduo, sendo considerada como reforçadora positiva ou negativa no processo de socialização, nos mostra que “o resultado desta constante interação é o estabelecimento de um vínculo que possibilita a comunicação de um conjunto de normas” (PAIVA; RONZANI, 2009, p. 178).

“Dificuldades percebidas nestas interações sociais podem se configurar em sérios fatores de risco para o surgimento de problemas na vida dos adolescentes” (PAIVA; RONZANI, 2009 *apud* SCHENKER; MINAYO, 2003, p. 178).

Granetto (2008), em sua pesquisa sobre práticas parentais em dependentes químicos, acredita que através do estudo das relações entre pais e filhos, poder-se-á contribuir para aperfeiçoar os recursos oferecidos pelos profissionais que lidam com o problema da dependência química, oferecendo medidas mais eficazes no tratamento e controle desta demanda.

Ao final de seu estudo, Granetto (2008), pôde observar que as práticas parentais mais utilizadas nas famílias que tinham filhos usuários de drogas, eram as de baixo índice de envolvimento paterno e baixo índice de regras e monitorias de ambos os pais, com um alto indicante de comunicação negativa e pouco nível de comunicação positiva.

Tais dados nos mostra que a incidência de práticas educativas negativas pode ser relacionada com o desenvolvimento de problemas de conduta em crianças e adolescentes, reforçando uma tendência para o uso de drogas (GRANETTO, 2008).

Assim, pode-se concluir que é de grande importância o estreitamento dos laços entre pais e filhos, para que haja uma redução do risco de iniciação e continuidade no uso de drogas (GRANETTO, 2008).

Em um estudo realizado por Bolsoni-Silva; Del Prette; Oishi (2003), objetivou descrever e comparar o que pais que possuem crianças com indicação escolar de comportamentos tidos como aceitáveis e pais que têm filhos com indicação escolar de problemas de comportamento relatam a respeito de comportamentos tidos como adequados ou não adequados de seus filhos, bem como o que falam de suas próprias habilidades sociais educativas (HSE).

“Participaram deste estudo 60 pais/cuidadores de crianças na faixa etária de seis anos, matriculadas em seis Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIS) da cidade de São Carlos” (BOLSONI-SILVA; DEL PRETTE; OISHI, 2003, p.15).

Segundo Bolsoni-Silva; Del Prette; Oishi (2003, p. 15)

> A amostra foi composta por dois grupos: a) pais de crianças com indicação escolar de problemas de comportamento (IPC) e b) pais de crianças com indicação escolar de comportamentos socialmente adequados (ICSA).

Em relação ao relato dos pais sobre o indicativo de agressividade nos comportamentos de seus filhos, verifica-se maior frequência no grupo IPC, permitindo supor “que os pais poderiam estar sendo modelos de agressividade para as crianças, provavelmente em função de práticas educativas punitivas” (BOLSONI-SILVA; DEL PRETTE; OISHI, 2003, p.22).

Para Bolsoni-Silva; Del Prette; Oishi (2003, p. 22)

> Os pais, frente a agressividade dos filhos, frequentemente dão atenção a esses comportamentos, mesmo utilizando a punição e assim acabam inadvertidamente reforçando a emissão destes comportamentos.

Este estudo nos reafirma que os pais socialmente não habilidosos, mesmo sem pretenderem, acabam ensinando e mantendo comportamentos considerados prejudiciais durante o desenvolvimento de seus filhos, facilitando a baixa autoestima e a ansiedade, entre outras respostas emocionais advindas da prática coercitiva (BOLSONI-SILVA; DEL PRETTE; OISHI, 2003).

Em um estudo de Cia *et. al* (2006) objetivou-se comparar e correlacionar indicadores do repertório de habilidades sociais e no envolvimento dos pais na educação dos filhos, comparando-os nos dois conjuntos de medidas. “Participaram deste estudo 22 mães e 13 pais que tinham um filho na 1ª série” (CIA *et. al,* 2006, p. 73).

“A coleta de dados ocorreu em sala isenta de ruídos de uma escola SESI, localizada em uma cidade de médio porte do interior do Estado de São Paulo” (CIA *et. al,* 2006, p. 75).

Cia *et. al* (2006, p.79) concluem com este trabalho (...) “que, quanto maior o repertório de habilidades de ambos os pais, maior a freqüência de comunicação e de participação nos cuidados e nas atividades escolares, culturais e de lazer dos filhos.”

“Tais resultados realçam a importância do repertório de habilidades sociais de ambos os pais para a condução de práticas educativas com os filhos” (CIA *et. al,* 2006, p. 79).

Em uma pesquisa de Justo (2005), cujo objetivo foi analisar a relação entre o estilo parental percebido e o nível de estresse dos adolescentes, pôde se fazer a seguinte observação, onde “o estilo indulgente esteve mais presente em pais de filhos sem stress, já o estilo autoritário seguido pelo negligente estiveram mais presentes em pais de filhos com stress” (JUSTO, 2005, p.5).

Segundo Justo (2005, p.24) “é na infância que as fontes internas de stress começam a ser desenvolvidas, de acordo com as mensagens e valores transmitidos pelos adultos responsáveis pela educação da criança”. Assim sendo, os pais contribuem de forma importante em relação a muitas características emocionais, cognitivas e comportamentais de suas crianças, estando essas associadas às formas relativas de criação adotadas pelos pais.

Nesta mesma pesquisa, notou-se que “a punição e a privação de afeto e privilégios apareceram como atitudes inadequadas dos pais quanto ao desencadeamento de stress nos filhos” (JUSTO, 2005, p.68). Com essa observação, o desenvolvimento do adolescente será comprometido.

> Apesar dos filhos de pais indulgentes terem apresentado os melhores índices com relação ao stress, é importante ressaltar que a falta total de controle, limites, regras e exigências pode levar ao desenvolvimento de filhos imaturos emocionalmente, incapazes de suportar frustrações e de lidar com pressões externas (JUSTO, 2005, p. 69).

Os pais autoritativos apresentam um nível de exigência elevado e conseguem intermediar esse controle com atitudes responsivas, favorecendo o diálogo com os seus filhos, além de disponibilizarem as razões que levaram as regras a serem impostas (JUSTO, 2005).

“No caso dos filhos de pais autoritativos, os resultados indicaram que esses se apresentaram mais bem distribuídos nos diferentes níveis de stress, não se destacando significativamente em nenhum dos níveis” (JUSTO, 2005, p. 69).

De forma geral, pode-se notar que pais autoritários por exigirem excessivamente de seus filhos, produzem com essa forma exagerada, um grande estresse para o adolescente, sendo por outro lado, em decorrência de mostrar proteção ao adolescente em relação ao estresse e justificado pela alta responsividade dos pais, o estilo indulgente (JUSTO, 2005). Assim, concluiu-se com este estudo, que “o estilo indulgente demonstrou ser a melhor forma de interação dos pais com os filhos no que se refere ao stress dos adolescentes” (JUSTO, 2005, p.70).

Contudo, é de suma importância o papel que a família desempenha no desenvolvimento de suas crianças, para que se proporcione um ambiente facilitador e condições estimuladoras ao desenvolvimento infantil. Atividades de apoio às famílias, a fim de auxiliá-las na estruturação, organização e enriquecimento do

contexto social de desenvolvimento de seus filhos, como o treinamento de pais pode colaborar com o sucesso desta empreitada.

A seguir, seguem exemplos de intervenções em grupos de pais, de forma a auxiliá-los no convívio familiar com os seus filhos.

4 Intervenção em grupos de pais

"As inúmeras dificuldades enfrentadas e a crescente preocupação de pais e educadores com o processo educativo das crianças motivaram, em muitos países, a criação de programas direcionados aos pais" (PINHEIRO *et al.,* 2006, p.408).

Embora as relações familiares sejam de grande importância, os pais geralmente não recebem uma preparação, além da aprendizagem que adquirem a partir da própria experiência durante a realização da tarefa, por meio do ensaio e erro (COELHO; MURTA, 2007).

O treinamento de pais tem sido aplicado com o objetivo de ajudar no tratamento de problemas explícitos de comportamento, como desobediência em excesso, brigas e agressões (PINHEIRO *et al.,* 2006). Dessa forma, poder-se-á encontrar formas de como auxiliar os pais no convívio familiar com os seus filhos e na resolução de problemas destes.

"A forma de interação entre pais e filhos constitui fator relevante que interfere no repertório social dos filhos" (PINHEIRO *et al.,* 2006, p.408). Quando os pais apresentaram um repertório rico de habilidades sociais, em consequência, seus filhos demonstraram comportamentos tidos como aceitáveis. Porém, quando o repertório de habilidades sociais paternos se comprovou pobre, os filhos também "apresentaram déficits interpessoais e comportamentos desadaptativos" (PINHEIRO *et al.,* 2006, p.408).

> […] "grande parte dos comportamentos inadequados das crianças se manifesta e é mantida devido aos déficits de habilidades sociais apresentados pelos próprios pais para manejar os comportamentos de seus filhos" (PINHEIRO *et al.,* 2006, p.408).

Assim, podemos presumir que qualquer mudança concreta e permanente nos comportamentos da criança pressupõe uma mudança prévia na forma com que os pais/cuidadores lidam com ela (PINHEIRO *et al.,* 2006) e mesmo que o progenitor atue de forma inadequada, com a ajuda de um treinamento de pais o mesmo poderá trabalhar de forma a modificar seu comportamento considerado inadequado, podendo, enfim, auxiliar na mudança nos comportamentos desadaptativos de sua criança.

> Por isso, alguns programas de treinamento introduzem, de modo didático, os fundamentos da análise do comportamento aplicada, instruindo os pais a motivarem os filhos a se comportarem bem e supervisionando-os na aplicação de técnicas de incentivo, de atenção ao bom desempenho e de retirada de atenção quando a criança não se comporta da maneira combinada (PINHEIRO *et al.,* 2006, p.408).

Treinar e capacitar os pais para que eles mesmos aprendam a manejar as contingências de práticas educativas, sugere uma alteração ambiental para os filhos; consequentemente, isso refletirá em mudanças na conduta destes (WEBER; BRANDENBURG; SALVADOR, 2006).

Durante os Treinamentos em Habilidades Sociais (THS), se mostra comum, "o esclarecimento quanto a formas de se comportar, analisando as consequências para a resolução de problemas e relacionamento interpessoal" (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002, p. 228). Com isso, é importante que os pais se comportem de forma assertiva, ou seja, de forma a comunicar os seus objetivos sem prejudicar a relação com os seus filhos, para que consigam promover comportamentos adequados nestes.

Em um estudo, Bolsoni-Silva; Marturano (2002) concluíram que intervenções com pais que possuam a finalidade de promover habilidades sociais educativas são de suma importância para a prevenção e diminuição de problemas de comportamento na infância, evitando assim, dificuldades escolares e de socialização infantil e na adolescência.

O programa Promoção da Qualidade de Interação Familiar (PQIF), que auxilia na orientação e no treinamento de pais foi elaborado por Weber, Brandenburg e Salvador, onde, em oito encontros semanais que são "constituídos por vivências, discussões de dúvidas, explicações teóricas, treinamentos, tarefas de casa e auto registro" (WEBER; BRANDENBURG; SALVADOR, 2006, p. 140). O objetivo era verificar mudanças comportamentais nos pais e nos filhos, a fim de ajudar a promover um relacionamento familiar tido como adequado.

Weber; Brandenburg; Salvador (2005) observaram que durante um curso, onde se utilizou do programa mencionado acima, os pais que chegaram com determinados comportamentos, saíram dele com este repertório modificado, ou, no mínimo, discriminado.

“Toda a estrutura do programa PQIF facilitou este processo através das explicações orais, das vivências, dos materiais, dos vídeos, das tarefas de casa ou dos auto registros” (WEBER; BRANDENBURG; SALVADOR, 2006, p. 147).

Weber; Brandenburg; Salvador (2005, p. 147) ressaltam que

> [...] muitos pais podem ter comportamentos adequados ou inadequados na educação de seus filhos. No entanto, não têm “consciência” deles, e muito menos da relação desses seus comportamentos com os de seus filhos. Eles agem “intuitivamente”, da forma como aprenderam com seus próprios pais. Os resultados do PQIF evidenciam a alta contribuição para o processo de discriminação.

Através dessa discriminação de comportamentos e suas funções, que se poderão permitir a mudança destes, e devido aos pais representarem importantes variáveis que controlam o comportamento de seus filhos, que podemos notar que quando os mesmos alteram seus comportamentos, pode-se perceber que isso reflete em diversas mudanças nos comportamentos de seus filhos (WEBER; BRANDENBURG; SALVADOR, 2006).

> [...] os resultados são claros ao mostrar que muitos pais mudaram seus comportamentos, seja incorporando novas formas de agir, seja suprimindo comportamentos inadequados, sendo também fundamental a mudança com relação à demonstração de amor parental (WEBER; BRANDENBURG; SALVADOR, 2006, p. 147).

Ao finalizarem a pesquisa acima citada Weber; Brandenburg; Salvador (2005, p. 147) observaram que “tanto o reforço quanto a demonstração de afeto através do interesse e do envolvimento, eram comportamentos que estavam pouco presentes nos repertórios dos pais dos participantes”, e através do PEQIF, os participantes diminuíram o uso da punição física e adquiriram comportamentos reforçadores, tendo assim, relatado mudança em seus comportamentos após o programa.

Segundo Silvares (1995), através do Modelo Triádico, que é um dos modelos de intervenção terapêutica que conta com a presença de um mediador no processo terapêutico do sujeito, busca-se uma atuação sob orientação do clínico, no sentido da obtenção de mudanças comportamentais no cliente, no caso deste estudo, a criança; pretendendo-se orientar os pais e/ou cuidadores a receber a orientação

psicológica no sentido da mudança dos padrões comportamentais de seus filhos que possuem dificuldades de comportamento.

Silvares (1995) ressalta que, para a ocorrência de mudanças comportamentais positivas, os comportamentos considerados adequados, devem ser reforçados enquanto os dados como inadequados, não. Através dos mediadores (no caso de famílias, os pais), deve-se considerar que as mudanças ambientais, devem ser reforçadas ou operadas por eles, dessa forma, os progenitores, dentro do Modelo Triádico, são tidos como os que deveriam receber orientação psicológica para auxiliarem no processo de mudança dos comportamentos dos filhos.

A busca dos pais pela clínica/atendimento psicológico, muitas vezes, não reside somente no comportamento inadequado de suas crianças, mas também, numa forma de auxiliar na mudança do comportamento dos próprios pais ou da família, ajudando-os a lidar com os comportamentos desadaptativos de sua prole. Assim, é de suma importância que o terapeuta avalie cada situação terapêutica e se necessário, promova intervenções em comportamentos de pais que necessitam ser modificados ou instaurados (SILVARES, 2005).

Pinheiro *et al* (2006) relata que o programa de Treinamento de Pais em Habilidades Sociais (TP-HS) procura destacar os diferenciais entre o ponto de vista de pais e o de suas crianças, que são determinados principalmente pelos estágios de cada fase de desenvolvimento. Dessa forma, os pais são convidados a modificarem primeiro o seu comportamento com o desígnio de modificar o comportamento de sua criança, o que gera certo desconcerto nos mesmos ao se confrontarem com essa alternativa. “Nessas circunstâncias, o terapeuta procura intervir pedagogicamente, demonstrando para os pais a relação que existe entre o seu comportamento e o comportamento da criança” (PINHEIRO et al., 2006, p.409).

Em um programa com a duração de 11 semanas de Treinamento de Habilidades Sociais para pais de crianças com problemas de comportamento Pinheiro *et al.,* (2006, p. 407)

> [...] apresentou, por meio de passos semanais sequenciados, princípios da análise do comportamento para a prática disciplinar não-coerciva e modelos de habilidades sociais educativas para pais, com tarefas semanais de observar o comportamento do filho, estabelecer condições de aprendizagem e desempenho de comportamentos desejáveis (empatia, seguimento de instruções, independência etc.), expressão afetiva entre outros. Participaram do programa 32 mães e dois pais, com avaliações pré e pós-intervenção por meio de questionários de auto-relato e entrevistas.

O programa mencionado acima foi realizado em uma Escola Municipal de Belo Horizonte (MG), onde a maior parte dos alunos pertencia a classes econômicas consideradas de risco e residiam em um aglomerado residencial próximo às dependências da escola (PINHEIRO *et. al*, 2006).

Pinheiro *et.al* (2006, p. 409) relata que "o programa baseia-se no pressuposto de que as crianças precisam ser reforçadas de modo frequente, contingente, intenso, diferenciado e sistemático", para que aja uma alteração de perspectiva e o aumento do repertório de habilidades sociais dos pais no convívio com os seus filhos. Busca, também, utilizando os princípios do Treinamento de Habilidades Sociais (THS), ouvir sobre as queixas de problemas comportamentais infantis, com o objetivo de ampliar nas crianças, comportamentos sociais tidos como adequados e a valorizar as interações sociais.

Os encontros foram semanais, com duração mínima de uma hora e trinta minutos em uma sala disponibilizada pela escola. Os pais participavam de sorteios de prendas a cada encontro e recebiam pontos para participarem de um sorteio final, e um pequeno lanche era oferecido no final de cada sessão (PINHEIRO *et. al,* 2006).

> A estrutura de cada uma das sessões semanais foi organizada em três etapas. Na primeira etapa, eram verificadas e discutidas as tarefas propostas e realizadas pelos pais na semana anterior. Queixas de dúvidas, dificuldades, falhas e referências a sucessos eram analisadas pelo grupo, com mediação do terapeuta. Na segunda etapa, apresentava-se o "passo" da sessão conforme a sequência pré-estabelecida, incentivando-se os pais a relatarem suas dificuldades e acertos. Nesta etapa, além da instrução, recorria-se a procedimentos de ensaio comportamental como prática efetiva para fortalecer a aprendizagem e facilitar a generalização. Na terceira e última etapa, explicitava-se a nova tarefa a ser realizada no decorrer da semana (PINHEIRO *et.al,* 2006, p.409, 410).

"A partir da segunda sessão, foram realizadas as etapas de intervenção, propriamente ditas, cuja temática foi organizada em nove "passos", um a cada encontro semanal" (PINHEIRO *et. al,* 2006, p. 410).

Esses "passos" visavam explicitar aos pais o porquê do mau comportamento de suas crianças; instruí-los a aumentarem a sua atenção ao bom comportamento de seus filhos; estimulá-los a participarem de ensaios comportamentais, visando o monitoramento de atividades independentes da criança; orientá-los a instruir os seus

filhos corretamente; ajudá-los em sua aprendizagem de leitura ou decodificação do ambiente social; compreensão e importância do conceito de empatia nos relacionamentos saudáveis; explicitar a importância do envolvimento da família com a escola; apresentar o modelo da teoria de papéis, onde o comportamento social depende do entendimento do próprio papel e do papel do outro no convívio social; a inserção de informações sobre assertividade acerca dos próprios direitos e na expressão de pensamentos, sentimentos e crenças (PINHEIRO *et. al,* 2006).

Com bastante frequência, os pais manifestaram dúvidas sobre a forma de educar seus filhos, sendo que a grande maioria achava que deveriam adotar uma postura rígida em relação às respostas inadequadas dos mesmos, e se não aplicassem algum castigo nesses casos, estariam se mostrando omissos ou permissivos (PINHEIRO *et. al,* 2006).

Esse programa mostrou um decréscimo significativo na frequência e austeridade de comportamentos tidos como inadequados, conforme avaliação dos pais. “Os resultados indicam que os pais (...) modificaram seus comportamentos, mas, também, foram positivamente reforçados com essa mudança, ao constatarem alterações nos comportamentos de seus filhos” (PINHEIRO *et. al,* 2006, p. 413).

“Concluiu-se que o enfoque de habilidades sociais educativas para pais pode contribuir positivamente para o desenvolvimento de práticas disciplinares não-coercivas junto a essa clientela” (PINHEIRO *et al.,* 2006, p.407), nos reafirmando que a forma com que os pais lidam com os seus filhos influencia na conduta destes.

“Uma experiência de treinamento de pais e os efeitos encontrados sobre o desenvolvimento de práticas educativas parentais positivas, habilidades sociais educativas, e enfrentamento a estressores externos” foi descrita em um artigo de Coelho; Murta (2007, p. 333), onde através do uso de técnicas comportamentais, como o ensaio comportamental e a modelação, através da intervenção grupal, tendo a participação de cinco mães e dois pais, utilizando-se de 20 sessões e 90 minutos semanal.

> Os participantes foram recrutados a partir das fichas de triagem de seus filhos disponibilizadas no Centro de Estudos, Pesquisa e Prática Psicológica (CEPSI), a clínica-escola de Psicologia da Universidade Católica de Goiás. Os pais foram convidados por telefone a participar de um programa de orientação a pais, e seus filhos para participarem do programa de habilidades sociais. Segundo o critério de inclusão, tanto os pais quanto os filhos deveriam participar dos programas sugeridos (COELHO; MURTA, 2007, P. 335).

“O programa teve formato grupal, psicoeducativo, com o objetivo de desenvolver práticas educativas parentais saudáveis e habilidades comunicativas e de enfrentamento ao estresse” (COELHO; MURTA, 2007, P. 336). Em todas as sessões era realizada uma análise funcional do processo, o que facilitou a organização das sessões seguintes, ajustando o programa às demandas do grupo.

Segundo Coelho; Murta (2007), o processo de intervenção ocorreu em quatro fases, onde houve uma avaliação inicial, apresentação dos membros do grupo e realização do contrato terapêutico, em seguida apresentaram-se sobre os princípios da análise do comportamento, práticas educativas parentais e habilidades sociais educativas, passando a abordar através de sete sessões os estressores externos, responsividade na interação entre pais e filhos e convívio social e conjugal, sendo por fim, realizada através de duas sessões, uma avaliação final do processo.

Para Coelho; Murta (2007), através do programa, pôde-se concluir que anteriormente às intervenções, os pais utilizavam-se de práticas educativas negativas, e após a participação no programa, houve um decréscimo do uso dessas práticas, aumentando o uso das práticas educativas positivas.

Os participantes também relataram que durante a intervenção, desenvolveram habilidades sociais no exercício de seu papel como pais, como o fato de assumirem a culpa quando errados, de escutar e se colocar no lugar do outro, o cumprimento de suas promessas e expressar os sentimentos que sirvam de modelo para seus filhos (COELHO; MURTA, 2007).

Em relação aos estressores externos, como por exemplo, no relacionamento conjugal no que diz respeito à cumplicidade do casal; a indicação de busca de crescimento profissional; o bom relacionamento com a família de origem e o enfrentamento de problemas pessoais, “foi verificado que após a intervenção os participantes desenvolveram estratégias de enfrentamento em contextos diferentes daquele que envolve o relacionamento com os filhos” (COELHO, MURTA, 2007).

Segundo Coelho; Murta, (2007, p. 340)

> [...] os pais também avaliaram positivamente as mudanças dos filhos, relatando melhoras nas atividades acadêmicas, no desenvolvimento de habilidades sociais e no desenvolvimento de cuidados em prol da própria saúde.

As autoras concluíram que o programa se mostra favorável para a melhoria das relações interpessoais, incluindo a relação dos filhos com os seus pais, do cônjuge com a família de origem, “e para o aumento no repertório de solução de problemas e autocuidados, tanto nos pais quanto nos filhos” (COELHO, MURTA, 2007, p. 340).

Com estes estudos podemos perceber que a implantação de programas planejados que auxiliem os pais no desenvolvimento de habilidades sociais poderiam de forma significativa auxiliar no relacionamento de pais que apresentem repertório deficitário, com isso, proporcionar um relacionamento mais saudável com sua prole.

5 Considerações finais

Através da presente pesquisa, pôde-se evidenciar que uma das variáveis que pode contribuir para o desenvolvimento de problemas no desenvolvimento cognitivo, social e no desenvolvimento acadêmico de crianças seriam as práticas educativas parentais adotadas pelos pais que são tidas como inadequadas, como as práticas educativas negativas citadas por Gomide.

No presente trabalho buscou-se analisar algumas formas de como os pais agem em situações nas quais desejam reduzir os comportamentos inadequados de seus filhos, e a possível relação entre os estilos parentais e os problemas de conduta de sua prole. Discutiram-se, ainda, quais habilidades precisariam ser instaladas ou fortalecidas no repertório destes pais a fim de promover repertórios comportamentais mais adequados nos filhos.

O papel que a família desempenha no desenvolvimento de suas crianças, se faz muito importante para que se proporcione um ambiente com condições estimuladoras e facilitadoras ao desenvolvimento infantil. Concluiu-se com o presente trabalho, que o relacionamento dos pais com a sua prole pode influenciar no processo de socialização e desenvolvimento de seus filhos, contribuindo para o aparecimento ou não de problemas de comportamento nos mesmos.

Nesse sentido é que a ciência psicológica poderá contribuir com as famílias na educação de seus filhos, principalmente aqueles pais que possuem crianças com indicativos de problemas de comportamento.

Os pais geralmente não recebem uma preparação para exercer este papel. Somente possuem como modelo de educação a aprendizagem que adquirem a partir da própria experiência com a paternidade e a maternidade, gerando grandes dúvidas e angústias. Assim, o treinamento para pais pode colaborar e muito, de forma a auxiliar os pais no convívio familiar com os seus filhos e na resolução de problemas destes. Atividades que apoiem e auxiliem as famílias, na estruturação, organização e enriquecimento do contexto social de desenvolvimento de seus filhos, como o treinamento de pais pode colaborar com o sucesso desta empreitada.

Enfim, baseado nas pesquisas pôde-se afirmar, que o investimento de profissionais e investigadores, no que tange às práticas educativas de pais que possuem filhos com dificuldades de comportamento, além de proporcionar novos

recursos que venham a ajudar com as dificuldades desses pais, também proporcionará possibilidades de uma reabilitação e ajuda para essas crianças.

Referências Bibliográficas

BEM, L.A.; WAGNER, A. Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 63-71, Jan. Abr./2006.

BOLSONI-SILVA, A. T., MARTURANO, E. M. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n.2, p. 227-235, 2002.

BOLSONI-SILVA, A. T.; DEL PRETTE, A. Habilidades sociais de pais e problemas de comportamento de filhos. **Revista das Faculdades de Educação, Ciências e Letras**, v. 5, n.o, p. 11-29, Abr. 2003.

CIA, Fabiana *et al.* Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filhos. **Psicologia em Estudo,** Maringá, v. 11, n. 1, p. 73-81, jan. /abr. 2006.

COELHO, M. V.; MURTA, S.G. Treinamento de pais em grupo: um relato de experiência. **Estudos de Psicologia,** Campinas, v. 24, n. 3, p. 333-341, Jul./Set. 2007.

FERREIRA, Marlene de Cássia Trivellato; MARTURANO, Edna Maria. Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar.**Psicologia: Reflexão e Crítica**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 1, p. 35-44, 2002.

GOMIDE, P. I. C. **Pais presentes, pais ausentes:** Regras e limites. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 86 p.

GOMIDE, P. I. C. Estilos parentais e comportamento anti-social. Em A. Del Prette & Z. Del Prette (Orgs.). **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem:** questões conceituais, avaliação e intervenção. Campinas: Alínea. 2003.

GOMIDE, P. I. C., *et al*. Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. **Psico-USF.** [s.l.]**.** v. 10, n. 2, p. 169-178, jul./dez. 2005.

GRANETTO, W. E. **Práticas educativas parentais em dependentes químicos**. 2008. 137 f. Dissertação (Mestrado na área de concentração Psicologia como Profissão e Ciência) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da Puc-Campinas, 2008.

JUSTO, A. P. **A influência do estilo parental no stress do adolescente**. 2005. 116 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC Campinas, Campinas, 2005.

OLIVEIRA, Silvia Canaan *et al*. **Compreendendo seu filho:** Uma análise do comportamento da criança. Belém: Paka Tatu, 2002. 130 p.

PACHECO, J. T. B.; SILVEIRA, L. M. O. B.; SCHENEIDER, A. M. A. Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. **Psico**, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 66-73, jan./mar. 2008.

PAIVA, F. S. **Adolescência e consumo de álcool estilos parentais de socialização:** risco ou proteção?. 2009. 119 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

PAIVA, F. S.; RONZANI, T. M. Estilos parentais e consumo de drogas entre adolescentes: Revisão sistemática. **Psicologia em Estudo,** Maringá, v. 14, n. 1, p. 177-183, jan./mar. 2009.

PINHEIRO, M. I. S., *et. al.* Treinamento de Habilidades Sociais Educativas para pais de crianças com problemas de comportamento. **Psicologia: Reflexão e Crítica,** Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 407-414, 2006.

PRADA, C. G. **Avaliação de um programa de práticas educativas para monitoras de um abrigo infantil.** Tese (Pós Graduação em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

PRUST, L. W.; GOMIDE, P. I. C. Relação Entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes. **Estudos de Psicologia I,** Campinas, v. 24, n. 1, p. 53-60, jan. /mar. 2007.

REPPOLD, C.T., *et al*. 2002. Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes:uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. In_____ S.C. HUTZ (Org.). ***Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégia de intervenção***. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 7-52.

SALVO, C. G.; SILVARES, E. F. M.; TONI, P. M. Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. **Estudos de Psicologia.** v. 22, n. 2, p. 187-195, abr/jun. 2005.

SAMPAIO, I. T. A.; GOMIDE, P. I. C. Inventário de estilos parentais (IEP) – Gomide (2006) – Percurso de padronização e normatização. **Psicol. Argum.,** Curitiba, v. 25, n. 48 p. 15-26, jan./mar. 2007.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. **Ciência & saúde coletiva**, v. 8, n. 1, p. 299-306, 2003.

SILVA, A. T. B.; LOUREIRO, S. R.; Validação do roteiro de entrevista de habilidades sociais educativas parentais (RE-HSE-P)**. Avaliação psicológica,** v. 9, n. 1, p. 63-75, 2010.

SILVA, A. T. B.; LOUREIRO, S. R. Práticas educativas parentais e repertório comportamental infantil: comparando crianças diferenciadas pelo comportamento. **Paidéia,** v. 21, n. 48, p. 61-71, jan.-abr. 2011.

SILVARES, E. F. M. O modelo triádico no contexto da terapia comportamental com famílias. **Psicologia: Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 235-241, set. / dez. 1995.

SILVARES, E. F. M. S. Avaliação diagnóstica do abuso físico na infância: implicações clínicas e de pesquisa. In_____ M.Z.S. BRANDÃO (Org.). **Sobre comportamento e cognição**, Santo André: ESETec Editores Associados, n. 14, 2004. p. 19-37.

WEBER, L. N. D.; BRANDEDENBURG, O. J.; SALVADOR, A. P. V. Programa de Qualidade na Interação Familiar (PQIF): Orientação e treinamento para pais. **Psico,** Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 139-149, maio/ago. 2006.